

Conversa ao pé de um ponto de ônibus

-Dirceu Cutti -

Sexta feira, fim de tarde. A vontade de chegar em casa nesse dia parece maior. Mas é nessa hora que o ônibus não aparece. Abri a sacola e puxei a revista Travessia. Escolhi um artigo, o título era: E a festa, onde foi parar?

Tratava dos migrantes sazonais de lá da Bahia que vêm trabalhar aqui em São Paulo, depois voltam prá Bahia, vêm de novo prá cá...muito interessante! Guardei a revista e recomencei a esperar o ônibus. Fazia frio e a fila já era enorme. Mas que nada! E a impaciência já não era só minha. É quando todo mundo começa a se remexer, a resmungar. Às vezes cria-se uma sintonia entre os mais próximos. Foi o que aconteceu comigo e o companheiro da frente.

Trocamos umas frases soltas e logo ele enveredou a falar de si: que precisava chegar rápido em casa, que viajaria para a Bahia, etc. e tal. E o que ele foi falando começou a casar com o artigo que eu tinha lido. Pedi licença para anotar. Consentiu sem qualquer titubeio.

Eu me chamo, dizia ele, Dilson de Oliveira dos Santos, tenho 28 anos, sou casado, 3 filhos e sou da Bahia, de Belo Campo. Já fiz mais de 20 viagens prá cá, pelejando. Já faz um lote de tempo que tou nessa vida de Bahia e de São Paulo. Eu tou querendo é aquietá na Bahia, mas lá não tem emprego. Vou ver se acho um pedaço de terra prá prantá. Mas quase não se acha! É preciso adulá prá se conseguir.

Quando não consigo eu vendo o dia a troco de dispesa. Eu vou lá e fico só dois meis, mas se não acho serviço volto prá não morrer de fome. Lá a roça é muito pequena. Eu planto mandioca, feijão, miio...mas tem veis que não dá nada, muita seca. E tem hora que o gado dos fazendeiros come tudo. É um Nordeste fraco demais prós pobres.

Inté criança já morreu de fome em Belo Campo. Todo mundo lá fais essa vida que eu levo, meu pai que já morreu também era assim. Lá não tem apelo. O senhor indo lá só vai ver miséria. Não morreu meio mundo ainda porque o governo tá de olho. Todo ano ele socorre as turma com feijão, merenda escolar...Mas é assim, as carreta só chega lá de meia noite. Se vié de dia o povo cerca tudo. Aqui em São Paulo eu sou vigiante. Trabalho em Santo Amaro, ao lado do Borba Gato. Só ganho um salarinho. Eu sou fichado. Vou e a vaga minha fica reservada. Eu gosto de viver do meu emprego. Quando sobra uns troco eu mando prá muié. Moro na obra, no serviço. Só pego serviço onde dá alojamento.

Nesta altura do papo chegou o ônibus tão esperado. Foram mais de 45 minutos de espera. O Dilson fez questão de sentar ao meu lado. E a conversa continuou:

Eu tô indo prá lá (prá Bahia), porque a muié mandou uma carta cramando prá mim f. Quando saio prá voltar ela fica chorando. Não quer que venho não. Mas eu vou ficar lá fazendo o quê?

Se eu já pensei de trazer a família prá São Paulo? Moço, eu não, porque se vié aqui nós fica na rua. Não dá não. Aluguel não dá prá pagar, não tem moradia prá nós, não tem. Eu aqui sozinho já sofro demais, com mulher e filhos só é pior.

Quando eu vim prá São Paulo a primeira veis, eu vim sozinho, eu e mais Deus. Me perdi. Fiquei meio dia no táxi. Rodiou a cidade toda. Eu já padeci a primeira vez aqui em São Paulo. Eu já dormi até no CETREMI, no Glicério. Mas eu acredito em Deus que um dia Sarnei, o governo, ainda vai botar uma Usina lá prá dar um emprego prá nós na Bahia.

A conversa não terminou, o ônibus estava super-lotado e Dilson precisava garantir-se na frente porque desceria logo adiante. Percebia-se, ele estava com muita pressa. Depois disso, eu com meus botões, fiquei matutando: como é dura a TRAVESSIA do migrante!